



O papel do psicólogo hospitalar segundo os pacientes hospitalizados

The role of the hospital psychologist according to hospitalized patients

Felipe Augusto Cunha¹
Gabriela da Silva Cremasco¹
Silvia Mayumi Obana Gradvohl¹

¹ Universidade São Francisco

Resumo: A psicologia hospitalar é considerada uma área de atuação recente. Por conta disto, nem sempre os pacientes possuem conhecimento sobre as atividades realizadas por este profissional no hospital, o que pode comprometer sua atuação. O objetivo desta pesquisa qualitativa foi verificar se havia diferenças no conhecimento sobre o papel do psicólogo hospitalar entre pacientes hospitalizados que já haviam recebido atendimento psicológico (PA) no hospital e os que não haviam tido contato com este profissional (PNA). Para isto, 12 pacientes foram entrevistados, sendo 6 pacientes (PNA) e 6 (PA). Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para análise de conteúdo, por meio de leituras flutuantes. Os resultados indicaram que os PNA associaram a atividade do psicólogo hospitalar ao contexto clínico, enquanto que os PA apontaram características da atuação do profissional relacionadas ao contexto hospitalar. A partir do apresentado, foi possível concluir que houve diferença entre os PNA e os PA em relação ao conhecimento do papel do psicólogo hospitalar. Diante disto, ressalta-se a importância de o psicólogo hospitalar realizar o primeiro atendimento a todos os pacientes, mesmo que este não tenha sido solicitado pelo mesmo.

Palavras-chave: psicologia hospitalar; pacientes; pesquisa qualitativa

Abstract: The hospital psychology is considered a recent practice area. Because of this, patients do not always have knowledge of the activities performed by this professional in the hospital, which may compromise its performance. The purpose of this qualitative study was to determine whether there were differences in knowledge about the role of hospital psychologist among hospitalized patients who had received psychological care (PA) in the hospital and those who had not had contact with this professional (PNA). To this, 12 patients were interviewed, and 6 patients (PNA) and 6 (PA). All interviews were recorded and transcribed for content analysis, through fluctuating readings. The results indicated that the PNA associated the activity of the hospital psychologist to the clinical setting, while the PA pointed professional performance characteristics related to hospital context. From the presented, it was concluded that there was difference between the PNA and the PA regarding the knowledge of the hospital psychologist paper. Given this, it emphasizes the importance of the hospital psychologist conduct the first service to all patients, even if this has not been requested for the same.

Keywords: Hospital psychology; patients; qualitative research.

1. Introdução

A psicologia hospitalar se refere à aplicação dos conhecimentos da ciência psicológica em âmbitos que abarcam os processos de doença/internação/tratamento, bem como as relações entre paciente/família/equipe de saúde. Desse modo, a psicologia hospitalar não diz respeito a simplesmente levar o modelo de trabalho psicoterápico desenvolvido no espaço clínico para o hospital, e sim a criação de teorias e técnicas voltadas especificamente para pessoas hospitalizadas, que comumente apresentam questões psicológicas associadas ao processo do adoecimento¹.

Segundo o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2003), o psicólogo que se especializou em psicologia hospitalar assume características e funções voltadas nas áreas secundárias e terciárias de atenção à saúde, tendo como principal campo de trabalho as instituições de saúde (hospitais,

UBS, Clínicas especializadas, etc). As atividades mais frequentes realizadas pelos psicólogos hospitalares são o atendimento psicoterapêutico; grupos psicoterapêuticos; grupos de psicoprofilaxia; atendimentos em ambulatórios e unidade de terapia intensiva; pronto atendimento; enfermarias em geral; psicomotricidade no contexto hospitalar; avaliação diagnóstica; psicodiagnóstico; consultoria e interconsulta.²

Almeida e Malagris (2015) realizaram uma pesquisa com intuito de verificar o perfil profissional de 125 psicólogos, sendo 112 (89,6%) do sexo feminino, que atuam em instituições hospitalares no Brasil por meio do Questionário de Pesquisa Acadêmica e Profissional. Entre os dados obtidos, foi identificado que a maior parte dos profissionais estão localizados na região sudeste (62,4%), possui cursos de pós-graduação na área da saúde (77,6%), trabalha em hospitais públicos (70,4%), costuma participar de congressos e eventos científicos (88%), atua no setor de internação (84%) e ambulatório (60%). Em relação ao público atendido, os sujeitos indicaram atuar tanto com os pacientes (92,8%), quanto com familiares (88%) e equipe (64%). Os autores concluíram que os profissionais têm buscado se aprimorar em sua área, no entanto, ponderam a importância da inserção desse profissional nas unidades de saúde do país, uma vez que muitos hospitais não tem um psicólogo atuando.⁶

Entretanto, é importante ressaltar que na maioria das vezes o próprio psicólogo não tem claramente quais são as suas funções dentro da instituição hospitalar, as vezes por não atuar adequadamente, a dúvida da função e atividades do próprio profissional pode interferir no seu ambiente de trabalho, criando questionamentos do ambiente de trabalho sobre o real papel do psicólogo. As vezes esse profissional reproduz o modelo clínico para dentro do hospital, gerando situações de dúvidas quanto à adequação e a cientificidade do seu papel.⁷

Por conta de a origem ser a psicologia clínica, um dos grandes entraves encontrados na atuação do psicólogo hospitalar é a falta de apropriação da sua função dentro de uma instituição que visa promover a saúde. Assim, os domínios técnicos que seriam de extrema utilidade para o psicólogo, acabam viesados por suas visões endossadas ao modelo clínico convencional, ou mesmo interferências, transpassando isso ao modelo hospitalar, resultando em uma atitude profissional idiossincrática, trabalhando de uma maneira solitária, sem a comunhão das interfaces da comunicação com a equipe da saúde, dificultando o trabalho multidisciplinar, fundamental no ambiente hospitalar².

Entretanto, embora tenha sido originária da psicologia clínica, a psicologia hospitalar apresenta diferenças em sua atuação, uma vez que o modo de atuação do psicólogo no hospital é com os pacientes internados e suas famílias, exercendo seu papel diretamente com o doente e com a vivência do adoecimento, tanto nos aspectos pessoais do indivíduo como nos da família do enfermo. Ainda é preciso se considerar que tal atuação deve compreender também os membros da equipe que necessitarem de apoio em relação à compreensão da internação, doença ou adoecimento e óbito.^{8,9}

Por sua vez, é importante salientar que dentro de um hospital o papel do psicólogo se distingue da forma de atendimento clínico convencional, como, por exemplo, o tempo usual em atendimento, o setting terapêutico e a frequência dos atendimentos com aquele indivíduo. Desse modo, é de suma importância que o profissional atuante no hospital, tenha uma atuação flexível buscando manejar os atendimentos identificando as dificuldades propostas pelo paciente e focando no primordial do momento terapêutico³.

Uma pesquisa significativa que mostrou aspectos sobre a visão dos pacientes perante aos profissionais da saúde⁴ foi realizada em um hospital público localizado na cidade de Santa Maria no Rio Grande do Sul. O objetivo inicial da pesquisa foi averiguar as expectativas dos profissionais de saúde e pacientes internados desse hospital. A metodologia utilizada no trabalho foi a partir de uma entrevista semiestruturada, que ocorreu com 5 profissionais da área da saúde e com 5 pacientes hospitalizados e/ou acompanhantes. Os resultados indicaram que os participantes da pesquisa não tiveram uma visão coerente sobre o papel do psicólogo, denominando o profissional como detentor do poder da palavra, não sabendo identificar a função do profissional enquanto parte da equipe de trabalho dentro da instituição hospitalar.

Ainda outra pesquisa, realizada na cidade de São Paulo, investigou a percepção do paciente hospitalizado em hospital geral sobre o psicólogo e encontrou grande diversidade de respostas. Segundo o estudo isso ocorreu porque cada paciente percebia o psicólogo hospitalar de uma forma bastante pessoal. Para as autoras do estudo isso pode ter ocorrido por conta da

flexibilidade do psicólogo hospitalar oferecer respostas terapêuticas às demandas individuais surgidas dentro do hospital geral.⁴

Outro ponto importante para considerar, são as dificuldades em encontrar pesquisas pertinentes e matérias teóricas sobre a temática da psicologia hospitalar, tanto no âmbito nacional e internacional.¹⁰ Uma das explicações mais pertinentes seria que essa denominação não existe em outros países; partindo do princípio que o termo Psicologia Hospitalar não é tão adequado porque reduz a ideia determinada pelo local de atuação e não focando nas atividades desenvolvidas, gerando uma fragmentação das práticas e da teoria da atuação do psicólogo dentro do hospital.¹¹

Com base no exposto e devido à escassez de pesquisas que busquem compreender o olhar que o paciente hospitalizado tem a respeito do psicólogo hospitalar, dificultando um maior aprofundamento no tema, é importante a realização de mais pesquisas que abordem este assunto. Assim, o objetivo deste trabalho foi verificar se havia diferenças no conhecimento sobre o papel do psicólogo hospitalar entre pacientes hospitalizados que já haviam recebido atendimento psicológico (PA) no hospital e os que não haviam tido contato com este profissional (PNA).

2. Metodologia

O presente estudo qualitativo foi realizado após a aprovação do Comitê de Ética da Universidade São Francisco e ocorreu com pacientes internados em um hospital de uma cidade do interior do estado de São Paulo. O número de sujeitos foi definido por meio do critério de saturação, ou seja, em que são inseridos novos participantes até que se chegue à conclusão de que o conteúdo coletado é suficiente para atingir os objetivos propostos pelo estudo. Os critérios de inclusão foram: ter no mínimo 18 anos de idade, estarem internados por pelo menos 24 horas e com possibilidade e disponibilidade de participar da pesquisa.

Os participantes foram divididos em dois grupos, sendo o primeiro composto por pacientes que nunca haviam passado por atendimento psicológico no hospital (PNA) e o segundo, com pacientes que já haviam recebido atendimento do profissional da psicologia (PA). Os pacientes foram divididos nos dois grupos por meio da questão: “Você já foi atendido(a) por alguém do Serviço de Psicologia?” e encaminhados para os estagiários que fizeram a coleta dos dados por meio da responsável do setor de psicologia no hospital. Os pesquisadores entraram em contato com os pacientes nos leitos de forma individual e informaram os objetivos da realização da pesquisa e, em seguida, os pacientes que concordavam em participar do estudo assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados da presente pesquisa foram coletados a partir de uma entrevista semiestruturada de forma que as mesmas foram gravadas com o intuito de manter a fidedignidade dos dados fornecidos, além de possibilitar a retenção do maior número de informações para análise posterior. Além disso, foi assegurado o sigilo da pessoa entrevistada, sendo que cada entrevista teve duração de, aproximadamente, 10 minutos.

As perguntas foram realizadas por meio de um roteiro de perguntas com objetivo de motivar e encorajar os pacientes a falarem de forma livre sobre o tema da pesquisa. A principal questão disparadora foi: “O que você acha que faz um psicólogo no hospital?”. A partir dessa questão central, foram feitas perguntas consideradas oportunas com o intuito de fazer com que o paciente discorresse mais sobre o tema em questão. Finalizada as entrevistas, os materiais obtidos foram transcritos e submetidos à análise de conteúdo. Partindo desta metodologia, as entrevistas foram lidas e ouvidas mais de uma vez de modo a reter os conteúdos principais e ideias presentes no material coletado. A partir disso, foram selecionados conteúdos em que os significados se repetiam nas diferentes entrevistas realizadas. Assim, foram identificadas categorias, possibilitando inserir sob uma mesma temática as diversas informações contidas nos relatos, sendo que estas categorias foram criadas em consenso entre os pesquisadores.

3. Resultados

Tabela 1- Caracterização da amostra

| Paciente | Sexo | Idade | Profissão | Escolaridade |
|----------|-----------|-------|---------------------|-------------------------------|
| 1 (PNA) | Masculino | 40 | Construção Civil | Ensino Médio completo |
| 2 (PNA) | Masculino | 42 | Designer (pinturas) | Ensino Fundamental incompleto |
| 3 (PNA) | Feminino | 79 | Aposentada | Ensino Fundamental incompleto |
| 4 (PNA) | Masculino | 87 | Aposentado | Ensino Fundamental completo |
| 5 (PNA) | Feminino | 22 | Costureira | Ensino Médio Completo |
| 6 (PNA) | Masculino | 75 | Aposentado | Ensino Fundamental incompleto |
| 1 (PA) | Masculino | 51 | Comerciante | Ensino Superior incompleto |
| 2 (PA) | Masculino | 62 | Assessor | Médio completo |
| 3 (PA) | Masculino | 67 | Aposentado | Ensino Fundamental incompleto |
| 4 (PA) | Feminino | 27 | Promotora | Ensino Médio completo |
| 5 (PA) | Feminino | 54 | Dona de casa | Ensino Fundamental incompleto |
| 6 (PA) | Masculino | 23 | Jardineiro | Ensino Médio Completo |

A amostra dos 6 (PNA) foi composta por 4 sujeitos do sexo masculino, idade média de 57 anos, com escolaridade entre ensino fundamental incompleto a ensino médio completo. Já o grupo dos (PA) contou com 4 sujeitos do sexo masculino, idade média de 47 anos, com escolaridade entre segunda série do ensino fundamental a ensino superior incompleto.

A partir da leitura das transcrições para realizar a análise de conteúdo, foi possível verificar que todos os pacientes conseguiram trazer fragmentos da atuação do psicólogo no hospital, sendo identificada 1 categoria de resposta no grupo dos PNA relacionadas a atividades de ajuda como: raciocinar, compreender, gerar conforto e entender, ou seja, o profissional de psicologia no hospital é aquele que ajuda em situações de confusão ou conforto, sem associar à questão da hospitalização.

"...trazer uma palavra de conforto"; "...coloca a pessoa pra raciocinar"; "...ajudar as pessoas a raciocinar, traz uma palavra de conforto" "...o psicólogo é estudado para isso, para ajudar, para entender e ajudar a pessoa a compreender as coisas" (PNA3, 42 anos).

"...ele vem saber como a pessoa está, saber se ela tá precisando de alguma coisa, algo assim, né?"; "...ah, algumas coisas que acontecem no hospital e a gente pode falar pro psicólogo né, e as vezes para um médico e uma enfermeira não pode falar" (PNA1, 40 anos).

"Não tenho a mínima ideia" (PNA1, 40 anos).

"Ajuda a medicina" (PNA4, 87 anos).

"...ele ajuda né, não sei como explicar, mas ele ajuda bastante" (PNA, 22 anos).

Pode-se observar que o grupo dos PNA aborda a atuação do psicólogo de modo geral, e a maioria não sabe o que faz esse profissional na instituição de saúde, não conseguindo mensurar a importância da atuação do mesmo dentro do hospital apresentando, assim, uma imagem distorcida do que o psicólogo faz na sua função dentro da instituição hospitalar. Nesse sentido, os pacientes não compreendem que podem vir a solicitar o serviço de psicologia em situação de hospitalização, ou seja, associam o trabalho do psicólogo a um contexto mais clínico que é a imagem mais presente do psicólogo para a população em geral.

No grupo dos PA foram identificadas 3 categorias de resposta relacionadas a hospitalização, tais como: ajuda com orientações em relação a doença, auxiliar no processo de hospitalização quando o paciente tem algum medo, favorece a comunicação entre o paciente, familiares e equipe médica. Ainda um paciente (PA2, 62 anos) trouxe que o psicólogo ajuda o paciente a lidar com questões ligadas a somatização, além de saber definir e ressaltar as especificações do profissional, no entanto, pondera-se que o paciente em questão atua na área de saúde e por isso tinha um conhecimento prévio a respeito da atuação do psicólogo hospitalar.

"Acho que o psicólogo conversa com paciente, quando tá nervoso, descontrolado, o paciente que não sabe onde que tá, que não imagina o que tá acontecendo com ele, pra acalma mesmo"; "...além de conversar com os pacientes, conversar com as famílias, pro familiar entender certas coisas que a gente não entende, porque as vezes o médico deixa o paciente nervoso e não entende nada"; "...tem que ter psicólogo no hospital porque as pessoas não querem ou não quer ficar no hospital, mas é preciso e o psicólogo ajuda o paciente ficar no hospital e entender" (PA5, 54 anos)

"O psicólogo faz orientação, orientação com as pessoas no hospital" (PA4, 27 anos).

Foi possível identificar diferenças no entendimento quanto ao papel do psicólogo hospitalar nos pacientes que já haviam recebido atendimento psicológico no hospital. Assim, verificou-se que os PA conseguiram compreender de forma mais abrangente a função do psicólogo hospitalar, enquanto que os PNA trouxeram de modo geral a função do profissional, não necessariamente no contexto do hospital.

Pelo fato do grupo dos PA terem recebido atendimento psicológico antes da entrevista, estes conseguiram ter uma ideia de profissional da psicologia no hospital diferenciado dos PNA, bem como alguns dos entrevistados tiveram uma visão mais abrangente do trabalho do psicólogo relacionando sua atuação com o ambiente hospitalar e ressaltando o papel do profissional como um mediador entre família, paciente e equipe, além de considerarem que o psicólogo auxilia o paciente frente às frustrações e medos decorrentes do processo de internação, bem como o amparo que o psicólogo pode providenciar para o indivíduo que passa pela situação da hospitalização e/ou enfrentamento de alguma doença.

A partir dos resultados obtidos por meio das entrevistas, observa-se a dificuldade dos pacientes hospitalizados em entender e saber como o psicólogo atua dentro do hospital. O grupo dos pacientes não atendidos (PNA) tiveram um olhar mais enviesado sobre as formas de atuação do psicólogo, como explícito nas falas de alguns participantes da amostra da pesquisa: *"...trazer uma palavra de conforto"; "...coloca a pessoa pra raciocinar"; "...ele vem saber como a pessoa está, saber se ela tá precisando de alguma coisa, algo assim, né?"*.

Percebe-se a generalização do paciente com algumas respostas, vendo o profissional como um indivíduo que transmite conforto ou mesmo um solicitador de ajuda. E quando as respostas chegaram mais próximas das atuações do psicólogo, as formas de observação dos pacientes foram embasadas mais pelo modelo clínico de atuação do profissional.

4. Discussão

A confusão do papel do psicólogo dentro do hospital, bem como, os domínios técnicos que seriam de extrema utilidade para o profissional, acabam enviesados por suas visões endossadas ao modelo clínico convencional, ou mesmo interferências, transpassando isso ao modelo hospitalar². Essa confusão de papéis dentro da instituição hospitalar pode ser refletida no olhar dos pacientes, no sentido técnico, prejudicando a forma de perceber o psicólogo como um agente facilitador ou mesmo de suma importância dentro do hospital.

Na pesquisa de Almeida e Malagris⁶, fica explícito a questão sobre a dificuldade que o psicólogo tem dentro de um hospital por causa das suas características profissionais dentro do ambiente de trabalho. Muitos pacientes confundem o papel do psicólogo pelo fato da grande flexibilidade do profissional sobre as demandas exercidas no próprio hospital, na maioria das vezes confundindo os pacientes da sua real função.

Outra questão abordada na pesquisa, foi sobre o desconhecimento do profissional dentro do hospital, ou seja, alguns pacientes relataram que não sabiam da função do psicólogo ou mesmo que naquela determinada instituição se encontrava um profissional detentor da ciência da psicologia para auxiliar nos processos imbricados ao adoecimento. Dentro de um hospital o psicólogo pode atuar em diferentes seguimentos, sendo esses na área organizacional, institucional e por fim no foco dos atendimentos aos pacientes, nomeado como psicologia hospitalar, responsável em suprir as necessidades do enfermo junto dos seus familiares. Por essas e outras demandas o hospital não conseguia dar um suporte preciso no processo de atendimento aos leitos, por uma sobrecarga das profissionais da instituição, dificultando no processo terapêutico e de escuta dos internados³.

O outro grupo de sujeitos que foi formado pelos pacientes que passaram por atendimento (PA), conseguiram exemplificar de uma forma mais ampla as formas de atuação do psicólogo, como foi o caso de um paciente que denominou o profissional como sendo aquele que *"...além de conversar com os pacientes, conversar com as famílias, pro familiar entender certas coisas que a gente não entende, porque as vezes o médico deixa o paciente nervoso e não entende nada"; "...tem que ter psicólogo no hospital porque as pessoas não querem ou não quer ficar no hospital, mas é preciso e o psicólogo ajuda o paciente ficar no hospital e entender"*. Assim, foi possível concluir que os pacientes que receberam atendimento do profissional da psicologia anteriormente passaram a ter um olhar mais apurado e voltado para a atuação do profissional como parte da equipe dentro do hospital, colocando algumas experiências do que eles fizeram ou fazem no atendimento ao leito.

Outra fala de um paciente do grupo dos PA denotou uma falta de clareza a respeito da atuação do psicólogo, *"...O psicólogo faz orientação, orientação com as pessoas no hospital"*. Assim, observa-se nessa fala a confusão do paciente, por não ter conhecimento técnico sobre o profissional, uma vez que o mesmo acredita que o psicólogo faz orientação com *"as pessoas no hospital"*, remetendo tanto aos internados quanto aos funcionários, demonstrando a dificuldade que as pessoas têm em compreender o real papel do profissional. Como mencionado nos resultados da pesquisa de Figuera e Viero⁴, os pacientes não tem uma visão coerente sobre o papel do psicólogo, denominando o profissional como detentor do poder da palavra, não sabendo identificar a função do profissional enquanto parte da equipe de trabalho dentro da instituição hospitalar.

Concluindo, a falta de pesquisa na área da psicologia hospitalar interfere na colaboração de novos dados ou mesmo soluções que podem identificar a falta do entendimento do papel do psicólogo hospitalar segundo a visão dos pacientes internados.¹⁰ por isso a importância de explorar mais essa área de atuação do profissional de psicologia criando uma robustez sobre suas técnicas dentro do seu ambiente de trabalho que no caso seria o hospital. Ao passo que novas pesquisas surgirem nessa temática, mais rápido será criado intervenções e soluções, gerando uma homeostase entre o papel do psicólogo e o entendimento que o paciente enfermo tem sobre suas reais funções no ambiente de trabalho.

5.Considerações Finais

Os PA trouxeram mais características da atuação do psicólogo hospitalar quando comparados aos pacientes que não receberam atendimento, que relacionaram a atuação do psicólogo com

um âmbito mais clínico, não inserido no sistema de saúde. É importante ponderar que o fato dos PNA não relacionarem a vivência da hospitalização com a função do psicólogo acarreta no desconhecimento desses pacientes que não compreendem que podem solicitar o serviço do profissional. Nesse sentido, foi possível identificar que o psicólogo acaba por ter que ir em busca das demandas que se apresentam no hospital, visto que o mesmo não é associado ao âmbito da saúde.

Assim, torna-se de suma importância que os pacientes recebam um atendimento do psicólogo para que este possa mostrar o seu papel e para que seja possível que estes indivíduos adoecidos saibam que não é necessário a presença de um encaminhamento para que possam ser atendidos, uma vez que, apenas o fato de estarem hospitalizados já merece atenção do profissional da psicologia. Por fim, conclui-se que o psicólogo deve identificar se existe o desconhecimento da sua atuação por parte dos pacientes e qual o nível dessa falta de compreensão a respeito do seu papel no ambiente hospitalar, para então ser possível propor algum tipo de melhoria na instituição em que atua.

6.Referências Bibliográficas

1. Almeida RA, Malagris LEN. A prática da psicologia da saúde. Rev. SBPH 2011; 14(2): 183-202.
2. CFP – Conselho Federal de Psicologia . Relatório final da pesquisa sobre o perfil do psicólogo brasileiro;2003. http://www.pol.org.br/atualidades/materias.cfm?id_area=300
3. Catani J, Junhas TR, Santos NO, Moretto MLT, Lucia MCS. Motivos de encaminhamento à psicologia e a escuta da demanda médica no serviço de imunologia e alergia. Rev. Psicologia Hospitalar 2012; 10(2): 33-50.
4. Nunes LC, Gióia-Martins DF. O psicólogo hospitalar na visão do paciente hospitalizado: um estudo das representações sociais. Boletim de Iniciação Científica em Psicologia 2003; 4(1): 11-24.
5. Figuera J, Viero EV. O olhar da equipe e usuários de um hospital geral sobre a necessidade de intervenção psicológica. Revista de Psicologia da UnC 2006; 3(1): 12-20.
6. Almeida RA, Malagris LMN. Psicólogo da Saúde no Hospital Geral: um Estudo sobre a Atividade e a Formação do Psicólogo Hospitalar no Brasil. Psicologia: Ciência e Profissão 2015; 35(3).
7. Chiattonne HBC. A Significação da Psicologia no Contexto Hospitalar. Psicologia da Saúde – um Novo Significado Para a Prática Clínica. Pioneira Psicologia 2000; 73-165.
8. Santos LJ, Vieira MJ. Atuação do psicólogo nos hospitais e nas maternidades do estado de Sergipe. Ciência & Saúde Coletiva 2012; 17(5): 1191-1202.
9. Moreira EK, Correia BM, Milhomem T, Castro MM. Representação social da Psicologia Hospitalar para familiares de pacientes hospitalizados em Unidade de Terapia Intensiva. Revista da SBPH 2012; 15(1): 134-167.
10. Yanamoto OH, Trindade LCB, Oliveira IF. O Psicólogo em Hospitais no Rio Grande do Norte. Psicologia USP 2002; 13(01): 217-246.
11. Sebastiani RW. Psicologia da Saúde no Brasil: 50 Anos de História; 2003. <http://www.nemeton.com.br>
12. Costa VASF. Cartografia de uma ação em saúde: o papel do psicólogo hospitalar. Rev. SBPH: Rio de Janeiro 2009; 12(1): 113-134.

Artigo Recebido: 12.01.2016

Aprovado para publicação:

Felipe Augusto Cunha

Universidade São Francisco

Rua Alexandre Rodrigues Barbosa, 45

CEP: 1325-900 Itatiba, SP – Brasil

Email: flpcunha@terra.com.br